

Reitor da USP corta salários e fortalece a greve

Atitude intempestiva de um desvairado ou cálculo político maquiavélico?

A pergunta não se refere às atitudes do governador Mário Covas, diante do piquete de professores da rede estadual na Praça da República, ainda que também coubesse para aquelas.

A pergunta se aplica às medidas inaceitáveis do professor Jacques Marcovitch, reitor da USP, mandando reter recursos da Adusp e do Sintusp e determinando no dia 5 de junho, segunda-feira, **desconto de salários de professores e funcionários grevistas. Trata-se de descontos seletivos e, portanto, de caráter punitivo.**

É bom lembrar que, no final da semana que passou, o Cruesp recusou-se a realizar reunião de negociação com o Fórum das Seis, colocando a pré-condição de encerrarem-se os piquetes então presentes na USP. Mesmo entendendo que se tratava de uma manobra ilusionista do Cruesp, para empurrar as negociações a um beco sem saída, o Fórum sugeriu ao Sintusp que avaliasse a conveniência da suspensão dos piquetes. Em Assembléia realizada na manhã de segunda-feira, o Sintusp deliberou pela “flexibilização” do piquete, permitindo o livre acesso à reitoria da USP para o Reitor, Pró-Reitores e seus auxiliares imediatos.

Retirado aquele que — nas reiteradas manifestações do Cruesp — seria o impedimento para o

prosseguimento das negociações, o reitor da USP coloca em cena outro elemento provocativo, demonstrando seu descompromisso com a busca de uma solução para a crise instalada nas universidades estaduais paulistas. O que quer, afinal, Jacques Marcovitch?

Quando o Fórum das Seis respondeu ao Cruesp, na última semana, explicando seu funcionamento democrático e seu caráter não-deliberativo, que o impede de colocar-se contra posições definidas em assembléias soberanas das entidades que o constituem, o Cruesp insistiu em desconhecer essa dinâmica, permanecendo intransigente na recusa de negociação enquanto o Sintusp mantivesse seus piquetes. E agora, diante da atitude do Reitor Marcovitch, o que dirá o Cruesp ao Fórum? Que o Cruesp não pode colocar-se contra as posições definidas por um dos seus reitores? Vai alegar alguma democracia interna em seu funcionamento? Ou os reitores da Unicamp e Unesp terão a dignidade de dissociar-se do ato medíocre e provocativo do reitor da USP?

A informação da atitude do reitor da USP chegou a algumas assembléias das categorias em greve. Na assembléia da Adunicamp, recebeu repúdio (ver página seguinte) e levou à aprovação da continuidade da greve, com apenas 11 votos contrários. Em três campi da Unesp, que haviam apontado para o fim da greve, foi decidida a retomada e continuidade do movimento grevista, também em resposta ao fato.

ATO UNIFICADO EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

HOJE (7/6), às 10 horas, em frente à reitoria da Unicamp

Docentes, funcionários e estudantes estarão reunidos hoje, a partir das 10h, em frente à reitoria da Unicamp. Participarão do ato entidades sindicais, populares, nacionais e locais, além de parlamentares que se solidarizam com o nosso movimento.

Será uma manifestação em defesa da universidade pública, pela retomada das negociações do Cruesp com o Fórum das Seis, Centro Paula Souza e estudantes.

O que reivindicam os estudantes em greve?

Mudanças na bolsa-trabalho: que a bolsa-trabalho não seja um mecanismo de substituição de funcionários por discentes, nem que sirva para aumentar o fosso que há entre os estudantes carentes e os que possuem melhores condições econômicas, visto que a atual sobrecarga de horas tende a prejudicar o bom desenvolvimento acadêmico do bolsista.

Defendemos a formação de uma comissão tripartite paritária para definir um novo formato para esta bolsa, de modo que ela esteja voltada para as necessidades acadêmicas do bolsista. Queremos a imediata redução da carga horária para os níveis de 1993 (10h semanais) e que os bolsistas tenham direito a férias.

Reabertura do Restaurante Universitário I: O RU 1 foi fechado, em 99, para "reformas". Neste ano, fomos surpreendidos com o anúncio do seu fechamento definitivo, com a alegação de contenção de despesas (apesar de a verba para seu funcionamento já haver sido alocada no orçamento de 2000). Lembrando que a reitoria começou a cobrar pelo suco do Restaurante 2 (dois?), o que configura uma forma não muito sutil de aumento de preço e privatização deste serviço. Queremos, portanto, a reabertura imediata do RU 1.

Participação nas licitações dos pontos comerciais: no processo de licitação dos pontos comerciais da Unicamp, queremos que a reitoria seja clara no que deseja. Os processos estão acontecendo autoritariamente e à revelia dos principais interessados nele, ou seja, os estudantes. Dessa forma, corremos o risco de perder um direito conquistado, que é essencial para que os projetos viabilizados pelos Centros Acadêmicos e DCE continuem a existir, como cursinhos e supletivos para pessoas carentes, nossos núcleos de cinema, laboratórios de fotografia, congressos estudantis, as atléticas e todos os eventos culturais organizados pelos estudantes desta universidade.

Moradia digna: Qualquer visita rápida à Moradia estudantil permite observar o atual estado de deterioração em que ela se encontra. A cada dia os problemas se avolumam (como encanamento defeituoso), tornando cada vez mais precária a qualidade (?) de vida dos moradores.

Fim de todas as taxas: cremos que instituição da cobrança de taxas, mensalidades, anuidades ou qualquer outra forma de ensino pago é uma afronta ao princípio da gratuidade do Ensino Público e um passo para a privatização 'branca' ou efetiva da Universidade.

Construção do Teatro da Unicamp: É indispensável, para o funcionamento dos cursos de Artes, a construção de um teatro. Um curso de Artes sem teatro é como

um curso de medicina sem hospital, um curso de história sem biblioteca, um curso de tecnologia sem laboratório...

Reformas no CESET (Limeira): A infra-estrutura do curso está dramaticamente precarizada. A conclusão da reforma do Laboratório vem sendo postergada, sem contar a falta de programas específicos.

Hospital de Sumaré: Que o Reitor da Unicamp assine imediatamente o convênio com o Governo do Estado para a administração do Hospital de Sumaré (o Governo estadual se comprometeu a pagar os funcionários), o que pode desafogar o HC e o curso de Medicina. Já tem Universidade particular (UNIP) de olho...

Contratação de professores: Já é notório, inclusive na imprensa, a falta de professores, prejudicando sensivelmente a qualidade dos cursos.

20% Já!: A recuperação salarial é imprescindível para a manutenção da qualidade de ensino.

Nunca é demais lembrar que a maioria das nossas reivindicações implicam pouco ou nenhum gasto, sendo o seu atendimento uma questão de vontade política.

Agenda dos Estudantes

HOJE:

GREVE CULTURAL NO IFCH

Promovida pelo CACH, haverá, **durante todo o dia (e à noite)**, atividades culturais como apresentações de dança e teatrais com alunos de Artes Corporais/Unicamp; exposição fotográfica; recital de poesia; um Brechó, e:

10h – Aula aberta com o prof. Marcos Nobre, e chamada para o Ato unificado em frente à reitoria;

13h – Reunião com todos os C A's de Campinas (UNICAMP e PUCC), na sala IH-02;

14h – Mostra de Curtas Metragens nacionais, e um filme nacional (surpresa!);

17h – Assembléia Geral dos Estudantes do IFCH;

22h até às ... – FESTA (**maniFESTAção**), com DJ Paulão, e com os programadores da Rádio Muda, no CACH.

NO INSTITUTO DE ARTES

14h – Assembléia Geral dos Estudantes do Instituto de Artes, no auditório do IA

AMANHÃ (08-06):

10h – ASSEMBLÉIA GERAL DOS ESTUDANTES DA UNICAMP, no novo Ciclo Básico;

12h – Saída de ônibus para Ato em São Paulo;

12h – Em caráter emergencial ocorrerá a Assembléia Geral dos Estudantes de Economia, no auditório da Economia.

SEXTA (09-06):

10h – Discussão sobre Bolsa Trabalho, no DCE

19h – Lual em frente à Reitoria.

Obs.: Todos os dias ocorrem reuniões abertas do Comando de Greve às 17h, no DCE

ATO NO CENTRO, À TARDE

Nosso dia de luta inclui outro ato unificado, hoje. Será a partir das 16 horas, no Largo do Rosário. Esta manifestação vai reunir todas as categorias em greve no centro da cidade.

Adunicamp decide continuidade da greve e repudia ação do Reitor Marcovitch

Com apenas um voto contrário e uma abstenção, a sessão plenária da Assembléia Permanente da Adunicamp, de 6 de junho, repudiou com veemência a atitude do reitor da USP que, segundo aquela plenária, tem o sentido de tumultuar as negociações. A moção aprovada na plenária, que contou com 223 docentes, foi a seguinte:

A plenária da Assembléia Permanente da Adunicamp, realizada em 6 de junho, repudia com veemência o ato do reitor da USP de descontar salários de professores e funcionários e de reter a receita do Sindicato dos Trabalhadores da USP e da Adusp.

Esse tipo de atitude tumultua o processo de

negociação, deixando de contribuir para a construção de um clima de entendimento que nos leve à superação da atual crise e no encaminhamento de uma negociação frutífera para o encerramento da greve.

A plenária, que decidiu pela continuidade da greve como forma de ampliar as conquistas e de responder aos atos que atingem professores e funcionários da USP, decidiu também trabalhar pela democratização e ampliação das comissões técnicas já existentes (como a COP, no CONSU, e a Reunião Técnica Fórum das Seis-Cruesp), recusando a proposta de constituição de quaisquer outras comissões especiais.

USP ameaça punir grevistas

Contorcendo-se para justificar o injustificável, coube ao Departamento de Recursos Humanos da USP explicar o ato isolado de corte de salários de professores e funcionários em greve. Em comunicado do dia 5 de junho, o DRH informa que a atitude punitiva da reitoria da USP é “medida essencial na construção de um padrão de greve responsável”, como se coubesse à qualquer DRH definir o que é um “padrão de greve” ou o que seja “greve responsável”. O comunicado encerra ameaçando com “advertência, suspensão ou demissão de servidores, aplicáveis na forma da lei” aos que não se mantiverem em “exercício pacífico do direito de greve”. A greve no setor público carece de regulamentação. Seria tratada pela CLT? Mas, se fosse assim, por que as reitorias não aceitam a intermediação do Tribunal Regional do Trabalho para decidir sobre nossas reivindicações?

Nesse contexto, é mais que oportuno lembrar o posicionamento da Congregação da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, de 25/5 último, que diz:

“... considerando a legitimidade do movimento,

repudiamos veementemente, qualquer forma de sanção sobre a comunidade acadêmica afastando-se a falta de pagamento de vencimentos e a determinação de descontos a funcionários e professores paralisados, bem como a imposição de listas de presenças aos alunos.”

Agenda da Adunicamp

Dia 7/6 (quarta-feira)

10h - Ato público em defesa da universidade pública e de qualidade, em frente à reitoria da Unicamp.

14h - Bate Papo com Marisa Nogueira Greeb: “Cuidado com as armadilhas”. Na sede da Adunicamp. Num momento em que nos atribuem o rótulo de violência, é preciso precaução: perceber as armadilhas e linhas de fuga para subverter o jogo.

16h - Ato público unificado no centro de Campinas.

Dia 8/6 (quinta-feira)

13h - Ato público na avenida Paulista.

Dia 9/6 (sexta-feira)

10h - Plenária da Assembléia Permanente

Calendário de lutas do STU

Hoje

10h - Ato unificado em defesa da universidade pública, no pátio da reitoria.

13h30 - Comando de greve no Básico.

15h - Saída dos ônibus para o ato unificado no Largo do Rosário do estacionamento da Biblioteca Central.

Amanhã

13h - Ato na avenida Paulista, em São Paulo.

Sexta-feira (9/6)

14h - Debate sobre a Privatização do Seguro Acidente, no Salão Vermelho da Prefeitura.

A Universidade que **NÓS** queremos

Muito se tem falado, durante o período de greve, em defender a Universidade Pública. De tal forma que isto se tornou lugar comum: todos são a “favor”, até quem é veladamente contra. Isto se torna evidente quando o governador e os reitores desconsideraram as reivindicações dos três segmentos em greve, em nome da “saúde” financeira da Universidade. De qual Universidade eles estão falando?

Certamente não é a Universidade que professores, funcionários e discentes vislumbram. A Universidade que queremos é a que valoriza seus professores e funcionários, evitando que eles debandem para a iniciativa privada; é a que não retira direitos dos mesmos; é a que não concebe o estudante como cliente, e sim como agente participativo e responsável por ela. A Universidade que queremos é a que respeita as entidades representativas (ADUNICAMP, STU, DCE, APG e CA's) mantendo, constantemente, um diálogo franco e honesto com elas.

As Reitorias e governos Covas e FHC, têm atacado constantemente essa Universidade ao retirar sucessivamente verbas que deveriam ser destinadas a ela, verbas estas que têm destinos “estranhos” aos interesses da sociedade brasileira. Isto se exprime na incapacidade de manter laboratórios, bibliotecas, restaurantes, etc.; no arrocho salarial de professores e funcionários, assim como na terceirização e flexibilização de direitos (instabilidade, contrato temporário, etc.); e na crescente destruição da assistência estudantil (Moradia Estudantil, Restaurante Universitário subsidiado, bolsas com critério sócio-econômico, etc.), que é o que permite que a Universidade seja um pouco menos elitizada.

O ensino superior que queremos está de olho, sobretudo, na manutenção da universidade pública, gratuita e financiada pelo Estado (sem recursos privados), de qualidade, laica, democrática e para todos.

Greve no HC – A união que faz a força

A greve na área hospitalar mostra força e unidade na luta. O comando de greve unificado, composto por professores, funcionários e médicos assistentes tem dirigido o movimento de forma organizada e responsável.

A assistência de urgência e emergência é prioridade; os casos clínicos de risco são avaliados pelos docentes e médicos assistentes.

Os alunos do 5º e 6º ano de medicina aprovaram, em assembléia, apoio à nossa greve. Todas as medidas foram tomadas para que a população fosse informada; além disto, o Conselho Regional de Medicina (C.R.M.) e as Comissões de Ética do HC e CAISM foram devidamente notificados.

A conscientização dos trabalhadores, na defesa da qualidade de assistência e ensino no hospital universitário, confrontada com a intransigência da reitoria, consolidou a greve na saúde e a mantém forte.

Questões como salários justos, condições de trabalho adequadas e quadro de pessoal compatível com



GILSON REI

a demanda, além da isonomia para os funcionários da Funcamp, inserem-se no contexto de luta pela qualidade da saúde pública.

Os docentes, funcionários, médicos assistentes e alunos querem negociação imediata e repudiam qualquer tentativa de incitar a população contra o legítimo movimento de greve, que tem como um dos objetivos justamente a garantia de um sistema público de saúde de qualidade.

Agenda da área hospitalar

7h - Reunião nas unidades
9h - Concentração no refeitório
9h30 - Caminhada com faixas até o pátio da reitoria

Solidariedade

Contribua com os trabalhadores em greve da Limpadora Centro. Este mês eles não receberam salários. Traga um quilo de alimento não perecível. Entregue na sede do STU.